
A DISCUSSÃO DO COLORISMO NO BRASIL E A BUSCA PELA IDENTIDADE RACIAL NO CIBERESPAÇO DE NEGROS DE PELE CLARA.¹

ANA CATHARINA OLIVEIRA SANTOS²

JOÃO ESTEVÃO SANTOS VIANA³

VALÉRIA AMIN⁴

RESUMO:

Por meio do método Netnográfico, se desenvolveu uma pesquisa em dois perfis na plataforma *Instagram*: “Pretitudes” e “Afroestima2”, buscando examinar o histórico de miscigenação, bem como a formação do conceito sobre Colorismo no Brasil, que tem influência dos estudos internacionais que dão contorno ao dilema racial e as discussões no interior dos movimentos de jovens negros. A análise foi feita sob a perspectiva baseada em comentários realizados nos dois posts selecionados, nas páginas supracitadas, ambos de cada página, ou seja, o que os seguidores dessas páginas da web comentam acerca do assunto, e foi notável perceber a inquietação dos sujeitos pela busca de uma identidade racial nesses comentários, além disso, relatos embasados teoricamente ou não, de como se deu o processo de miscigenação no país.

Palavras - chave: Netnografia; Colorismo; Miscigenação.

INTRODUÇÃO

A história do Brasil é marcada por um processo doloroso de colonização, inicialmente, por meio da escravidão de povos originários – povos indígenas, e por conseguinte, através do tráfico negreiro, de povos oriundos de algumas localidades do continente africano, que vieram para o Novo Mundo – América, vivenciar uma grande atrocidade. A escravidão parte de uma ideologia de dominação, ancorado em uma concepção política e econômica de modelo capitalista. Além disso, o racismo foi um dos grandes fatores para que esse processo desumano tenha se perpetuado por mais de três séculos no ocidente, especificamente no continente Americano. Para reforçar o que já foi dito, segundo Silvio Almeida (2019) “A história da raça ou das raças, é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas.”

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior – IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Estudante de graduação, 7º semestre do curso de Comunicação Social - Rádio e TV, pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC. email:acosantos@cos.uesc.br

³ Estudante de graduação, 8º semestre do Curso de Comunicação Social - Rádio e TV, pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC. email:jesviana.cos@uesc.br

⁴ Orientadora do trabalho. Professora de Comunicação Social - Rádio e TV, pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC. email:vamim@uesc.br

Após a abolição, existia uma necessidade do Estado Brasileiro, fundamentado por teorias eugenistas, em transformar o Brasil em um país limpo, alvo, ou seja, branco, a autora Tainan Maria Guimarães Silva (2017), explica melhor esse pensamento, quando afirma que:

O receio pela continuidade das misturas raciais relacionava-se com as teorias deterministas biológicas da época, que colocavam o negro à margem da história, tornando-o sempre à posição de culpado, tendo em vistas mazelas sociais que os teóricos precisavam justificar (SILVA, 2017, p. 4-5).

Dessa forma, surge o termo “pardo”, para designar os filhos e as filhas, que são frutos de relações inter-raciais, melhor dizendo, mestiços. O termo pardo possui um significado pejorativo, dando a ideia de sujo, reforçando o apagamento da descendência e ancestralidade dessa população, que segundo Sueli Carneiro (2003), seria “[...] usar a miscigenação ou a mestiçagem como uma carta de alforria do estigma da negritude.” Além do termo pardo, o termo mulata(o) também carrega um significado depreciativo, oriundo da palavra “mula” ou “mulo”, que significa híbrido, mulas é o cruzamento de cavalos/éguas (concepção que são nobres) com jumentos(as), que traz a concepção de inferioridade. Ainda sobre o que essa nomenclatura representa, a autora Djamila Ribeiro observa:

Sendo assim, trata-se de uma palavra pejorativa para indicar mestiçagem, impureza, mistura imprópria, que não deveria existir. Empregado desde o período colonial, o termo era usado para designar negros de pele mais clara, frutos de estupro de escravas pelos senhores do engenho (RIBEIRO, Djamila, 2018, p. 99).

Na tentativa de corrigir esse apagamento, o Movimento Negro em 1978, lutou para que pessoas pardas com fenotipo negro, ou seja, com traços físicos que remetem aos povos oriundos de África, fossem reconhecidas como negras. Além disso, a situação econômica, política e mais uma vez reforçando o fenótipo, pardos e de pretos possui semelhanças, dessa maneira, pessoas negras são classificadas como pretas e pardas no Brasil. Porém, é válido dizer, que a população parda, por não ter a pele hiperpigmentada, e por estar mais próxima da aparência de pessoas brancas, têm determinadas vantagens sociais, diferente de pessoas com a pele retinta, que são colocadas à margem social, e isso reflete a maneira como o racismo é constituído no

país, mediante ao uso de marcadores raciais, nos quais a quantidade de melanina na pele determinará o grau de exclusão dos sujeitos.

Além do fator melanina, também são analisados por uma ótica racista, a textura e a curvatura do cabelo, formato de boca, olhos e nariz, a fim de desumanizar pessoas negras, dessa maneira, entende-se que o racismo inviabiliza e oprime uma pessoa negra por conta do seu fenótipo, ou seja, as suas características físicas. Quanto mais escura, cabelos encaracolados e crespos, formato de olhos grandes, lábios grandes e carnudos e narizes largos, são vítimas de um racismo bem mais direto e violento, até porque em uma país que se tenta apagar a negritude a todo custo, uma pessoa com essa aparência, como foi relato no início desse parágrafo, não tem como camuflar, como ocorre com os negros de pele clara.

Para entender melhor as diferentes formas de como o racismo opera para pessoas de pele clara e de pele retinta, muitos estudiosos na área da antropologia, e principalmente nas relações étnicas-raciais, começam a discutir o termo “colorismo”, a fim de explicar melhor essas distinções.

O termo estadunidense “colorismo”, foi criado para elucidar as discussões raciais nos Estados Unidos, desenvolvido pela escritora Alice Walker, no seu livro: *A cor púrpura* (1982), que busca explicar essa relação entre negros de pele clara e negros de pele retinta, e como o racismo opera de maneira diferente para esses dois grupos.

Na *internet*, existe uma discussão acalorada sobre a questão racial no Brasil. A busca por identificação racial e pertencimento vindo de alguns internautas, revela uma nova população que está interessada em saber quem forma a negritude brasileira. Além disso, há uma tentativa, por meio dos conteúdos expostos em algumas páginas do *Instagram*, que tratam sobre o assunto, com o objetivo de informar melhor esses internautas e toda a comunidade que está inserida na *internet*. Percebe-se uma preocupação por boa parte dos criadores de conteúdo dessas páginas em trazer textos com bons referenciais teóricos para se ter uma discussão com qualidade e respeito sobre o assunto. E por meio dessas narrativas é possível fazer o reconhecimento e trazer o pertencimento de pessoas que se encontram na dúvida de quem são e isso auxilia na fomentação de indivíduos que buscam consciência social e política.

BREVE RECORTE METODOLÓGICO

Nessa perspectiva foi realizada uma pesquisa exploratória a fim de fazer um levantamento bibliográfico e documental sobre a temática supracitada. Fazendo uma investigação utilizando o método netnográfico, que oriunda dos estudos da etnografia, mas possui as suas próprias particularidades, justamente por ter o espaço virtual como seu local determinante. Segundo RODRIGUES, DIAS E GHISI FEUERSCHUTTE (2017), afirmam que:

[...] a etnografia é o estudo descritivo da cultura de uma comunidade, ou de alguns de seus aspectos fundamentais, seu conceito foi transposto ou adaptado para se estudar comunidades e subculturas que existem no ambiente virtual e que, por conseguinte, possuem suas próprias peculiaridades (RODRIGUES, DIAS E GHISI FEUERSCHUTTE, 2017,p.165).

O termo netnografia, se trata de um termo criado no final dos anos 90, nesse mesmo período com o uso cada vez mais frequente da internet, as pesquisas acadêmicas estavam cada vez mais presentes em estudar os sujeitos dentro desse novo espaço. Ainda segundo, RODRIGUES, DIAS E GHISI FEUERSCHUTTE (2017), abordam sobre a origem do termo trazendo a seguinte explicação:

O neologismo “netnografia” (nethnography = net + ethnography) foi originalmente cunhado por um grupo de pesquisadores/as norte americanos/as, quais sejam Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky e Schatz, em 1995, para descrever um desafio metodológico: preservar os detalhes ricos da observação em campo etnográfico usando o meio eletrônico para “seguir os atores” (RODRIGUES, DIAS E GHISI FEUERSCHUTTE, 2017,p.165).

Desde do início do século XXI, foram criadas páginas no ciberespaço com mais intensidade com o objetivo de informar e entreter, principalmente utilizando as redes sociais. Percebe-se uma mudança significativa nos últimos anos no que se refere ao comportamento de uma parcela da sociedade, em que escolheram as redes sociais como

meio para se manter informado e a busca pelo entretenimento. Segundo um levantamento da empresa NordVPN, um estudo com indivíduos maiores de 18 anos sobre os hábitos digitais dos brasileiros em janeiro de 2022, revela que o tempo em média que os brasileiros passam na Internet durante a semana, são 91 horas online, começando a conexão às 8h33 minutos da manhã até às 22h13 minutos da noite.

Seguindo essa lógica, assuntos que abordam questões sociais, como: raça, gênero, classe e outras intersecções, vem crescendo na internet e promovendo debates significados, um dos assuntos que sempre gera repercussão nas redes no que se refere raça é sobre a mestiçagem e os processos de eugenia no Brasil após escravidão.

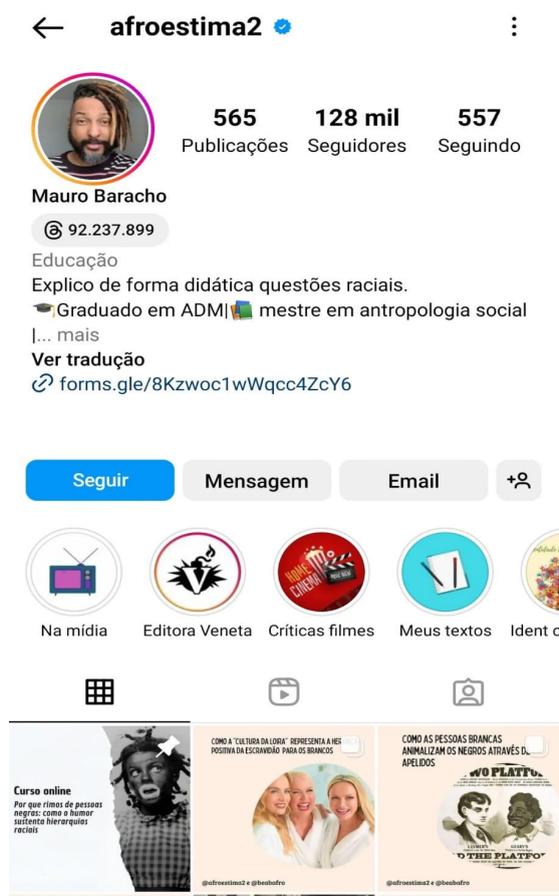
Como o principal objetivo desse artigo é o debate sobre a possível existência do colorismo no Brasil e a busca pela identidade racial dos internautas, foram selecionadas duas páginas na rede social *Instagram*, duas postagens, uma em cada página, em que tem como foco principal a temática racial no Brasil, as duas páginas em questão são: “Afroestima2” e “Pretitudes”, ambas criadas na segunda década do século XXI, cada uma delas aborda sobre a discussão no seu conteúdo, proporcionando comentários feitos nas postagens, que descrevem os tipos de discussões e ramificações que surgem a partir da provocação da postagem, e como os indivíduos compartilham seus pontos de vista em relação ao tema.

PARDOS OU NEGROS DE PELE CLARA? POR “AFROESTIMA2”

A página Afroestima2, como o próprio nome sugere atualmente se encontra na sua segunda versão, ou seja, sua segunda conta no instagram, já que o primeiro foi apagado ou excluído, a sua primeira postagem é em março de 2019, com a administração de Mauro Baracho, graduado em administração e mestre em antropologia social.

A página possui em média 130 mil seguidores, nesse espaço são discutidas diversas problemáticas que atravessam raça, gênero e sociedade. A página está sempre trazendo discussões atuais, melhor dizendo, informações cotidianas para adentrar de forma didática assuntos considerados como acadêmicos no campo das relações étnicas raciais, fazendo que internautas entendam as complexidades que a temática racial abrange, principalmente em um país como o Brasil, em que seu principal marcador social é a raça. É importante dizer, que os textos expostos na página possuem

referências e citações, o que torna o trabalho mais fundamentado e serve como um meio para discussões para reflexões e até mesmo para estudos. Há muitas escritas pelo administrador da página, fazendo com que a relação com seus seguidores seja mais próxima e também possibilita a contribuição dele como mestre em antropologia social. A página também entrega conteúdos na área cultural e histórica, trazendo histórias de países africanos, análises filmicas e entre outras abordagens dentro desse segmento.



Print da tela inicial da página Afroestima2, (2023).

Como o assunto em questão do artigo é sobre negros de pele clara, foi escolhido postagens nessa vertente. Os conteúdos foram analisados entre os dias 19 e 20 de outubro de 2021. Na primeira postagem analisada da página “Afroestima2”, feita em 02 de dezembro de 2020, com/tem o título: Pardo ou negro de pele clara? E a dinâmica do conteúdo é dividida em 10 telas, conhecida como carrossel (8 falam do conteúdo, 1 fica com o título da postagem e 1 como de fonte de referência), abordando o conceito de pardo, trazendo teóricos como o pesquisador José Luiz Petrucelli indicando que não há

consenso em relação a identidade parda, são apresentados dados do IBGE conceituando pardos como indivíduos miscigenados, matéria da *internet* trazendo a rejeição do Movimento Negro Unificado (MNU) ao termo pardo por ele trazer subliminarmente uma tentativa de embraquecimento de pessoas negras, uma matéria do UOL ressaltando o limbo racial que pessoas que não são escuras nem claras são colocadas, além de trazer também a perspectiva do professor Denis de Oliveira da USP (Universidade de São Paulo), que afirma que o termo negro é um guarda-chuva que abrange todas as pessoas descendentes dos africanos escravizados, e por último nos apresenta a listagem das fontes. A legenda não traz informações adicionais, apenas uma indicação para se fazer a leitura e engajar a postagem.

O comentário analisado foi publicado pelo perfil “de_goncalvesm” há 46 semanas atrás da data em que foi analisada, visto que o sistema de datação no *Instagram* não é detalhado. O conteúdo do comentário: “Ok, mas se eu falo que sou parda me falam que pardo é papel e que sou preta, se digo q sou preta me vem e falam q sou branca fico tipo, iagora oq sou eu akkaka.”, dialoga com uma das próprias conceituações trazidas na postagem a respeito do limbo em que as pessoas enquadradas como pardas se encontram. Estabelecendo uma relação com o que diz Alice Walker sobre a dinâmica do colorismo, em que indivíduos de pele não tão escuras não são considerados negros suficientes para sofrerem o racismo que uma pessoa retinta sofre, apesar de que também não são considerados brancos suficientes para desfrutarem plenamente do privilegio dessa categoria racial. Empurrando assim, esses indivíduos a um espaço de desconhecimento de seu local e identidade racial, tal qual como ocorre no Brasil.

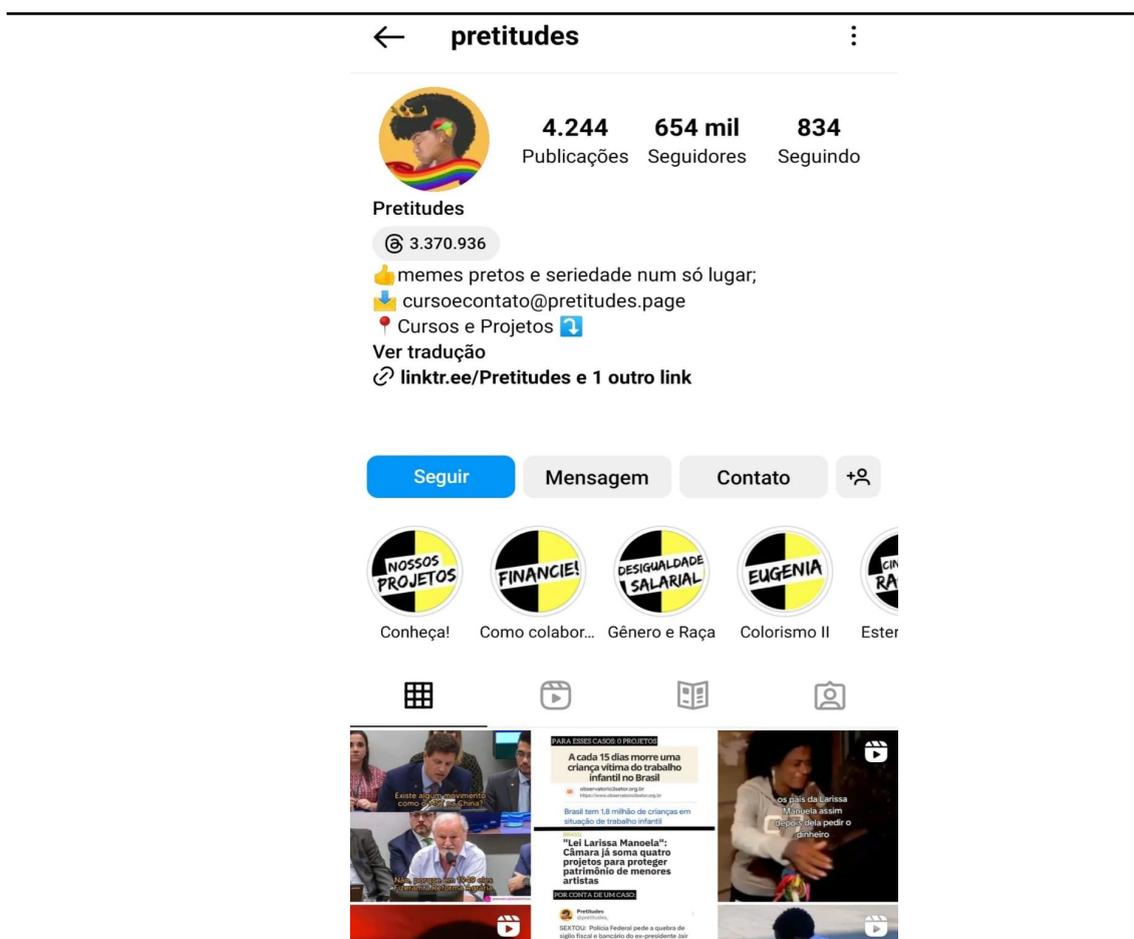
COLORISMO E A INTERPRETAÇÃO EQUIVOCADA, ALGUNS APONTAMENTOS POR “PRETITUDES”

A segunda postagem analisada é a página "Pretitudes", criada desde 2019, tem como objetivo por meio de um conteúdo diversificado, ou seja, com fotos, textos, vídeos, memes, notícias e entre outras formas em explicar e discutir sobre o que se refere às discussões raciais, principalmente no Brasil. Administrado por Caio Ventura e Ana Clara Fernandes, são dois jovens universitários, baianos, que juntos criam a página para trazer conteúdos para desmistificar muitos discursos mal intencionados e falácias

no que se refere à temática racial. Da mesma forma que a página Afroestima2 e Pretitudes, trazem assuntos que atravessam raça, gênero e classe na contemporaneidade, principalmente os que viralizam nos meios de comunicação, como a internet com as redes sociais, a televisão, podcasts, cinema e outros conteúdos que são transmitidos para um público expressivo. A página possui um humor ácido, ou seja, interage os internautas por meio da sátira, fazendo com que a reflexão seja convidativa, dentro dessa perspectiva, a página se encontra cada vez mais próxima dos seus 700 milhões de seguidores.

Com textos bem referenciados, isso significa que há teóricos bem fundamentados na temática e uma escrita bem didática e jovial, a página tem bastante visibilidade por ter uma linguagem e um formato de expor os conteúdos próximo ao público que buscam a rede social *Instagram* como meio de informação e entretenimento. A página faz constante o uso de memes, um recurso muito usado na internet nos últimos anos. Segundo BARRETO (2015), o meme é uma unidade que permite a transmissão cultural e também a difusão da informação com fundamentação na imitação. O meme tem uma grande variedade em formatos de conteúdo, ou seja, pode-se ser em vídeos, GIFS, textos e entre outros maneiras de linguagens encontrado nos mais diversos ambientes na internet, ainda segundo BARRETO (2015), a autora nomeia como multimodal essa característica do meme em possuir diversos formatos.

Outra característica muito importante do meme é a repercussão, chegando em diferentes meios de comunicação, dessa maneira, o meme pode sair da internet para televisão ou da televisão para a internet, sendo assim, um produto transmidiático. A página “Pretitudes” por meio do uso dos memes, possibilita o humor, que dessa forma, existe uma maior aproximação com o receptor, BARRETO (2015), afirma que o humor como principal recurso discursivo nas interações entre os participantes.



Print da tela inicial da página Pretitudes, (2023).

Sobre a discussão em relação ao assunto pardos ou negro de pele clara no Brasil, a página tem alguns conteúdos voltados para isso. A postagem analisada da página em questão, foi realizado entre os dias 19 e 20 de outubro de 2021, sobre o termo Colorismo, publicada na data 03 de setembro de 2020, com o título: “Colorismo e a interpretação equivocada”, dividida em 10 telas, com o modelo de postagem em carrossel, abordando as considerações importantes sobre o termo desenvolvido pela autora estadunidense, Alice Walker. Os autores da postagem enfatizam na legenda, de como os equívocos podem gerar péssimas interpretações acerca do assunto, o comentário de @deopipah, revela alguns pontos relevantes acerca do assunto. Segundo a mesma:

Esse assunto me deixa muito confusa, por isso vou deixar meu comentário: até os meus 20 anos não me via preta, tenho pele clara e alisava o cabelo. Depois que deixei o cabelo natural percebi meus traços negros (a família e sociedade nos ajudam muito nessa confusão, na minha casa ninguém se vê como preto) e

assumi minha identidade com orgulho. Depois de um tempo percebi que tenho “vantagens” por ser clara (nunca sofri racismo em Salvador, por exemplo) e cogitei até de me candidatar às cotas. Mas quando fui pra Curitiba entrei numa loja e o segurança me seguiu, e só então eu percebi o que era preconceito de verdade na pele. Essa discussão é muito difícil e requer muito estudo. Hoje eu sinto que, dependendo do lugar que estou, sou lida de uma forma diferente, e entendo pq os pretos que são retintos lutam tanto por seu lugar. Me vejo preta, mas dependendo de onde estou, sei que tenho vantagens por ter a pele mais clara.

Esse comentário da internauta, primeiramente, revela sobre a sua caminhada em relação a busca da sua identidade racial, já que a mesma passou anteriormente por um processo de embranquecimento, ao alisar os cabelos, além do fato de que em sua família ninguém se via negro (aspecto significativo quando se pensa nas questões identitárias e de socialização), acrescido ao aspecto de ter sua pele com tonalidade clara, o que dificultou ainda mais o seu reconhecimento racial.

Outro ponto para levar em consideração, é que a mesma aborda sobre as vantagens que possui na cidade de Salvador, por ter tais características, diferente de Curitiba, local em que a mesma sofreu racismo, sendo seguida por um segurança em uma loja, e isso revela as maneiras de como o colorismo opera em diferentes territórios, ou seja, o racismo atravessa corpos negros retintos de uma forma e corpos negros pardos de outra, sabendo que negros de pele escura vão sofrer severamente em qualquer localidade do Brasil, diferente dos negros de pele clara, que por conta de sua miscigenação evidente possuem algumas passibilidades em determinados territórios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora as discussões no Brasil em relação ao reconhecimento e a afirmação da negritude de pessoas pardas ou negros de pele clara, nos últimos anos tem sido bastante discutido dentro e até fora do país, a contestação vem principalmente após o processo de luta do Movimento Negro, junto com outros coletivos que tinham o mesmo interesse em comum, os embasamentos teóricos também ajudaram de forma significativa em relação a temática, mas ainda assim, existem lacunas. Devido a uma ideologia de que o país é democrático no sentido racial, e também com os processos cruéis do processo eugenista do século XX, em que o governo vigente da época financia ações de embranquecimento

do país, tais concepções colonizadoras permanecem no imaginário social até os dias de hoje, promovendo debates vazios e tendenciosos.

Na internet, percebe-se uma busca por meio dos internautas engajados na causa ou não em entender a definição de pardo. Parte de uma pesquisa individual, ou seja, o autoconhecimento, em saber “quem eu sou?”, por meio dessa reflexão, vem o pensamento de construção coletiva que é gerada por meio de comentários nos posts explicativos sobre a pauta, o processo de consciência não é válido somente na instância individual, é necessário estabelecer a dialética, para que de fato a libertação chegue, embora seja espaço é cibernético, a discussão é válida, e como bem falava Paulo Freire: “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (1987,p.29)

Por meio do método netnográfico foi elaborada uma análise sobre o Colorismo e sobre os negros de pele clara por meio do conteúdo e dos comentários expostos nas páginas: Pretitudes e Afroestima2. As duas páginas expõem conteúdos muito bem fundamentados sobre estudos étnico-raciais, e ambas as páginas têm bastante alcance na plataforma do *Instagram*.

O artigo elucidou de forma sucinta, porém, coesa, sobre o processo de miscigenação no Brasil. Por meio de um breve recorte histórico, percebeu-se que a miscigenação foi um plano governamental baseado na tentativa de embranquecer a nação.

Com isso, o Brasil se tornou um país diversificado racialmente, e com muitos desafios pela frente, especialmente, o da consciência racial, além disso, o objetivo desse artigo foi explicar o que venha ser o pardo dentro da comunidade negra e a explicação do termo Colorismo, para que negros reconheçam a sua leitura social e o seu papel político, e em especial os negros de pele clara, já que existe uma onda de apagamento de pessoas não brancas, e em especial pessoas negras, que elas possam cada vez procurar se conscientizar e afirmar a sua negritude a fim de agregar com a luta antirracista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. Editora Jandaíra; 1ª edição, 30 abril 2019.

BARRETO, Kricia Helena. **Os memes e as interações sociais na internet: Uma interface entre práticas rituais e estudos de face/Kricia Helena Barreto**, 2015.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987.

RAMOS,Guilherme. **Brasileiras passam mais da metade de suas vidas na Internet, estima pesquisa**. Tech Tudo, 2022. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2022/05/brasileiros-passam-mais-da-metade-de-suas-vidas-na-internet-estima-pesquisa.ghtml>>. Acesso em: 10 de agosto de 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro ?** — 1ªed. — São Paulo: Companhia de Letras,2018.

RODRIGUES Correia, Rafaela; DIAS Alperstedt, Graziela; GHISI FEUERSCHUTTE, Simone. **O USO DO MÉTODO NETNOGRÁFICO NA PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO NO BRASIL**. Revista de Ciências da Administração, vol. 19, núm. 47, abril, 2017, pp. 163-175. Universidade Federal de Santa Catarina,Santa Catarina, Brasil.

SILVA, Guimarães Maria Tainan. **O Colorismo e suas bases históricas discriminatórias**. - 1 a 19. 2017.